



Introdução

Gaia Giuliani



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/eces/4648>

DOI: 10.4000/eces.4648

ISSN: 1647-0737

Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Refêrencia eletrónica

Gaia Giuliani, « Introdução », *e-cadernos CES* [Online], 32 | 2019, posto online no dia 15 dezembro 2019, consultado o 01 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/eces/4648> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/eces.4648>



Introdução

O presente número temático nasce da colaboração da organizadora com outros dois intelectuais, nomeadamente, Fabrice Schurmans e Andrea Pezzè, também investigadores do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, e tem o seu início nos seminários que organizaram conjuntamente em 2016 sobre os temas do crime, fim do mundo e biopolítica. Por afinidade nas linhas de investigação, a iniciativa de compilação dos textos ali apresentados e o alargamento posterior ao convite à apresentação de artigos externos veio a ser associada ao projeto de investigação corrente (De)Othering: Desconstruindo o Risco e a Alteridade, dirigido pela organizadora e no âmbito do qual se desenvolveu a organização deste número.¹

Em linha com a metodologia dos seminários, nesta coleção de ensaios os/as autores/as tentam examinar de uma forma multiperspetivada o modo como as narrativas policiais, pós-apocalípticas, fantásticas ou de ficção científica em geral representam o social: como, por um lado, refletem preocupações e medos em vários contextos sociais, desde cidadanias em crise e em perigo ao crime e a percepções contemporâneas do fim do mundo, e por outro, como traduzem a procura de novos horizontes simbólicos dentro dos quais se pode pensar originalmente as contradições do presente e as esperanças do futuro. No conjunto dos ensaios, estas contradições vão dos conflitos entre sociedade e Estado às tensões entre perigo e renovação social, catástrofe e pós-catástrofe, humanidade e seres não/pós-humanos. Por sua vez, as esperanças incluem uma reflexão sobre a violência do passado colonial, a sua herança no presente e as expectativas de transformação, tanto social quanto ambiental, tanto epistemológica quanto material, no futuro. Não é ao acaso, portanto, que a questão da relação entre raça e racismo nas suas formas interseccionais, enquanto herança *viva* do passado colonial e hierarquias sociais e culturais contemporâneas,

¹ Projeto com a referência POCI-01-0145-FEDER-029997, financiado por fundos FEDER – Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Inovação (POCI) e por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

esteja presente em todos os artigos que a compõem, de uma forma mais ou menos explícita. Indícios claros da violência que foi e que é institucional, raça e racismo permanecem nas formas pelas quais o perigo está a ser representado a partir de um olhar hegemónico branco que identifica nas margens *racializadas*, *genderizadas* e pobres as origens da catástrofe. Ao mesmo tempo, as narrativas podem conter a esperança de uma emancipação que passa pela luta antirracista e pelo diálogo transcultural.

Este esforço coloca-se em linha com a análise crítica que a organizadora desenvolveu dos medos do presente (Giuliani, 2016a; 2017; no prelo) e integra-se num horizonte mais amplo marcado, nos últimos anos, por uma recrudescência da investigação académica sobre os géneros ficcionais ditos populares, a qual comportou diferentes abordagens críticas que têm incluído propostas literárias, estruturais e teóricas (Pearson e Singer, 2009; Langer, 2011; Hoagland e Sarwal, 2011), num esforço concertado de redefinição dos conteúdos culturais que os ditos géneros têm a faculdade de expressar. Tanto nas tipologias literárias como nas visuais e cinematográficas, as questões pós-coloniais, quer de género (no duplo sentido de *gender* e *genre*), quer relativas ao racismo, introduzem novas formas e potencialidades na expressão das tensões da contemporaneidade pós-colonial e na desestruturação/desconstrução da experiência histórica. No que se refere à abordagem teórica, os estudos de referência abrangem uma perspetiva estrutural sobre os géneros anteriormente referidos (Altman, 2000; Giardinelli, 1996), bem como uma perspetiva cultural. Esta última apoia-se em teorias sobre biopolítica (Foucault, 2005 [1978-1979]; Agamben, 1995; Esposito, 2004), biopolítica colonial num mundo pós-colonial (Stoler, 2016) e do complô social, quer em termos da ameaça do Estado contra a população (Piglia, 2005; Besarón, 2009; Braham, 2004; Herlinghaus, 2009, 2013), quer do medo da alteridade racial ou social. Deste ponto de vista, é possível refletir também sobre as implicações pós-coloniais que as ditas formas literárias têm oferecido à crítica académica (vejam-se, por exemplo, os trabalhos de Giuliani, 2015, 2016a, 2016b, no prelo), tornando-se fundamentais para focar o problema das representações do/a Outro/a, especialmente através da reativação do conceito de monstruosidade (canibais, *zombies* ou alienígenas) na cultura popular nacional e internacional. No contexto das análises filosófico-políticas e intrínsecas aos estudos culturais que a organizadora levou a cabo, estas representações monstruosas são lidas como alegorias fantásticas de uma vasta categoria de monstros sociais e institucionais, que na literatura e no cinema do crime são frequentemente construídos como terroristas, profissionais da conspiração e homicidas em série – que

alternadamente produzem pânico moral, quando o/a criminoso/a vem da sociedade, ou luta política, quando ele/ela coincide com o Estado (Boltanski, 2012).

Em geral, a relação entre a presença da alteridade e a sua representação ficcional e fantástica em termos de produção cultural popular é hoje inspiração constante para um exame do nosso presente por parte de muitas e diferentes disciplinas. Exemplos importantes do uso deste tipo de literatura e cinema como textos históricos e filosóficos encontram-se nas reflexões tanto no âmbito dos já mencionados estudos culturais e filosofia política quanto no da crítica literária, da historiografia feminista, dos estudos antropológicos sobre escravidão e colonialismo, das análises das transformações geográficas, geológicas e sociais na época da crítica ao Antropoceno e ao neoliberalismo.

Estas disciplinas reconheceram – após décadas de negligência durante as quais estes tipos de ficção não eram considerados válidos pela crítica – como o elemento emocional desempenha um papel muito importante na relação entre provável e improvável, entre memória e fantasia: a literatura e o cinema de ficção (quer de crime, quer apocalípticos) expõem e amplificam medos e esperanças, oferecem leituras e interpretações, reorganizam elementos da realidade para que fiquem mais evidentes, com o objetivo não apenas de crítica social e cultural mas, como já se referiu, também de emancipação. Neste sentido, a crítica pós-colonial, assim como as antirracistas, feministas, anticapitalista e ecologista intrínsecas a estes campos de estudo permitiram ver estes textos como documentos históricos relacionados com as urgências políticas da atualidade, como peças do mosaico em movimento que compõem a imagem complexa do presente a partir da sua relação com o passado.

A especificidade e unicidade deste número temático deriva do facto de explorar narrativas ditas populares que emanam do Sul, mais especificamente do espaço Atlântico – nomeadamente África, Europa, América do Norte e América do Sul. Este espaço deve ser entendido não tanto como lugar geográfico, mas mais como um conjunto de formas de representação da diferença (racial, política), da biopolítica e da violência. As realidades históricas, culturais e sociais da Argentina, do Brasil, de Moçambique, de Paris pós-colonial, e dos lugares físicos e simbólicos que emanam das críticas do(s) Sul(is) ao Antropoceno e à catástrofe climática estão aqui a ser interpeladas como lugares interligados ao longo de laços e relações de poder, tanto locais quanto transnacionais e transoceânicas. É precisamente através de uma perspectiva comparada, pluri e interdisciplinar que os textos aqui propostos, pretendem explorar a forma como muitas destas narrativas veiculam e articulam as suas especificidades culturais num espaço transnacional. A sua originalidade reside, portanto, tanto no tipo de narrativas em análise como na maneira de as ler e

interpretar, à luz de um diálogo constante entre crítica literária, filosofia, semiótica, filologia, antropologia, geografia e sociologia. Este diálogo é inevitável, sendo que nos textos aqui apresentados, as análises ganham vida a partir da ideia de que a ficção e o hiper-real são elementos de uma construção simbólica que afeta a autocompreensão individual e coletiva e a compreensão do momento histórico no qual vivemos. É, portanto, necessária uma ferramenta de análise complexa, capaz de decifrar como histórias de crime, de invasão alienígena e de catástrofe ambiental podem constituir uma das lentes através das quais as sociedades contemporâneas olham o presente. Esta ferramenta permite captar as diferentes vozes, as mais marginais, as mais esquecidas, as mais silenciadas, e compreender como os aspetos aparentemente mais paroxísticos das sociedades atuais (como a violência e o crime feroz), que parecem pertencer ao passado, continuam ainda hoje estruturais para as/os mais excluídas/os, e como os seus desenvolvimentos mais improváveis (como a invasão alienígena e a refração do ADN) são talvez alegoria de tendências ambientais, sociais, culturais e políticas muito reais.

A multiespacialidade e a plurivocalidade que este número temático pretende explorar nas críticas à violência, à biopolítica e aos crimes de Estado, e as abordagens interdisciplinares que ele propõe refletem-se na variedade das pertenças disciplinares das/os autoras/es, dos seus interesses de pesquisa e das ferramentas teóricas e metodológicas que utilizam. Assim, literatos especializados em literatura e cinema pós-colonial como Fabrice Schurmans, Elena Brugioni, Fernanda Gallo, Andrea Pezzè e Anne-Laure Bonvalot conseguem dialogar com filósofas políticas especializadas em estudos críticos da raça e da branquitude como Gaia Giuliani, com geógrafos humanos especializados em mudança climática como Giovanni Bettini, com estudiosas feministas peritas em literatura e cinema da América Latina como Cristina Santos ou em comunicação social e jornalismo como Luciana Martinez e, finalmente, escritores como Nicola Cosentino.

Os artigos são aqui ordenados por áreas temáticas e geográficas pelo que no início do número se encontram as reflexões sobre literatura e cinema do crime e de fantasia produzida na América Latina, nomeadamente na Argentina e no Brasil. Seguem-se depois os artigos focados nas produções africanas e, para concluir, os que analisam textos literários e visuais que se focam no apocalipse climático e na crítica ao Antropoceno.

O primeiro artigo, da autoria de Andrea Pezzè, intitula-se “Literatura policial e ficção científica na Argentina do século XIX: Eduardo L. Holmberg”. O autor pretende apresentar a figura excêntrica do escritor argentino Holmberg e as obras que ele compôs no fim da sua vida e que podem ser consideradas de ficção científica ou

pertencentes ao género policial. O objetivo de Pezzè é o de relacioná-las tanto com as especificidades argentinas como focalizá-las à luz dos estudos mais recentes sobre biopolítica e controlo social. Pezzè enquadra Holmberg e a sua obra numa análise do cânone dos géneros, o início do qual foi identificado na obra de Jorge Luis Borges e na análise literária e teórica crítica do papel do Estado na gestão do conhecimento científico.

Segue-se o contributo de Cristina Santos, “Horror as Real and the Real as Horror: Ghosts of the *Desaparecidos* in Argentina”, no qual se explora o medo da alteridade política no conto breve “The Inn”, de Mariana Enríquez. Nele, a escritora argentina conjuga a história contemporânea do seu país com alguns elementos de horror gótico, mantendo uma clara abordagem de crítica social. O conto de Enríquez mistura a realidade de um passado recente com elementos supernaturais de forma a mergulhar na memória da última ditadura. O artigo de Cristina Santos pretende examinar o uso da figura do *desaparecido* como representativa de uma política do cancelamento da alteridade política, que foi sistematicamente censurada e não reconhecida. Pretende também analisar a recordação e reinscrição do *desaparecido* como exercício cultural intergeracional que se opõe às narrativas institucionais do cancelamento e do esquecimento.

O artigo que fecha a primeira temática é da autoria de Luciana Martinez e intitula-se “Viver o fim, repensar um começo: representações pós-coloniais do futuro na cultura brasileira”. O texto percorre três representações do fim do mundo produzidas no Brasil: a música *E o mundo não se acabou* (1938), interpretada por Carmen Miranda; a vídeo-obra *Luz negra* (2002), de Nuno Ramos e Eduardo Climachauska; e o documentário de ficção científica *Branco sai, preto fica* (2014), de Adirley Queirós. O trajeto sugere a constância da ideia de apocalipse no imaginário cultural brasileiro e a diferença entre tais retratos que circulam pelo país. O percurso tem enfoque na obra mais recente – o filme de Queirós – numa época em que a experiência do fim adquire singular solidez. A partir de Queirós, o ensaio reflete sobre o necropoder no Brasil e em que sentidos a alteridade entre Brasília e a ficcional Ceilândia permite pensar o apocalipse através de novos imaginários e novas formas de viver coletivamente.

A segunda temática – a das produções africanas – recolhe os contributos de Elena Brugioni e Fernanda Gallo bem como de Fabrice Schurmans. O artigo de Elena Brugioni e Fernanda Gallo – “Estéticas da memória e do futuro em João Paulo Borges Coelho e Ungulani Ba Ka Khosa” – foca-se nas narrativas escritas e visuais correspondentes ao género da ficção científica, interpretando-as como novas representações da contemporaneidade africana (Bould, 2015). Examinando as obras literárias *Ualalapi* (2016) e *Cidade dos espelhos* (2011), respetivamente dos escritores

moçambicanos Ungulani Ba Ka Khosa e João Paulo Borges Coelho, através dos quadros críticos da ficção científica e ficção especulativa, as autoras pretendem refletir sobre as estéticas da memória e do futuro, enquadrando estas obras literárias como formas de renovar os sentidos do “futuro do passado” na pós-colónia.

O artigo que se segue e que fecha a segunda temática é o de Fabrice Schurmans intitulado “Angola-Zaire sur Seine. Identités postcoloniales et hybridités urbaines dans le roman policier *Agence Black Bafoussa* de Achille F. Ngoye”. O autor afirma que o romance *Agence Black Bafoussa* (1996) do escritor congolês propõe uma representação ficcional de um ambiente social mal conhecido, que é o das comunidades que emigraram da África subsaariana para Paris. O país de origem dos protagonistas é imaginário, mas as alusões ao fim da ditadura do Mobutu são numerosas. Schurmans reconstrói num primeiro momento o contexto histórico do romance, que é o de um Zaire em crise. De seguida, analisa o contexto literário da obra para sublinhar como o romance pode ser considerado pertencente tanto à categoria da literatura africana francófona como à do romance policial. Estas são as ferramentas que permitem ao autor analisar como a capital francesa se tornou num espaço pós-colonial e de hibridação das culturas numa Paris africana.

A última temática abre com o artigo de Giovanni Bettini, ao qual se segue o contributo de Anne-Laure Bonvalot e encerra com o de Gaia Giuliani. O artigo de Giovanni Bettini, “About Time! The Abyss of the Future and End(s) of Subjectivity in (Climate) Dystopias”, pretende explorar como num contexto no qual a emergência climática se torna tangível, a mesma fica, contudo, intratável nos paradigmas atuais, o que sugere a necessidade de perspetivar e por em prática novos “mundos” e novas formas de subjetividade. A cultura popular literária e cinematográfica utiliza geralmente a distopia e o apocalipse para narrar um mundo pós-crise climática. A partir de estudos que criticam esta tendência, Bettini analisa duas novelas distópicas – *The Water Knife* (2015) do escritor italo-americano Paolo Bacigalupi e *La galassia dei dementi* do escritor italiano Ermanno Cavazzoni (2018) – e confronta os *desastres* futuros que estes autores descrevem, argumentando que se Bacigalupi revitaliza fantasias de uma humanidade normativa, Cavazzoni permite imaginar novos mundos socioecológicos mais justos.

No artigo “Écologies du plurivers et (dé)colonialité dans quelques fictions d’enquête environnementale du Sud global”, Anne-Laure Bonvalot pretende estudar um *corpus* literário de textos que articulam um discurso socioambiental não dualista e decolonial, para entender as contribuições específicas da ficção contemporânea no pensamento do Sul global, que defende a necessidade de uma reconsideração

urgente das categorias de compreensão das comunidades do Pluriverso, humanas e não humanas, e dos territórios que habitam. Bonvalot propõe analisar através dos romances *Os transparentes* (2012) do escritor angolano Ondjaki e *By the Rivers of Babylon* (2017) do escritor e poeta jamaicano Kei Miller, algumas implicações éticas e estéticas, mas também políticas e ontológicas, dessa ecoliteratura do Sul global, fundamentada em ficções de investigação pré-apocalípticas que assumem uma perspectiva decolonial para abordar, visibilizar e (re)fabular ecologias e ontologias hoje em perigo.

Fecha esta temática o contributo de Gaia Giuliani “The End of the World as We Know It. For a Postcolonial Investigation of the Meaning(s) of Environmental Catastrophe in Sci-Fi Films”. Nele, a autora explora as fantasias subjacentes às ideias de desastre e de regeneração da sociedade humana através de ou contra uma entidade não-humana. O artigo foca-se na análise de dois produtos de cultura visual de massa, *Annihilation* de Alex Garland (USA, 2018) e *Arrival* de Denis Villeneuve (USA, 2016). A leitura em contraluz destes filmes acontecerá através de uma análise de outras três produções cinematográficas: *Blindness* (Brasil, 2008) de Fernando de Meirelles, *The Happening* (USA, 2008) de M. Night Shyamalan e *The Impossible* (UK, 2012) de Juan Antonio Bayona. A reflexão pretende mostrar, através da ferramenta socioantropológica da análise do discurso – que cruza estudos culturais e pós-coloniais – como a catástrofe, enquanto crise (no discurso ocidental hegemónico), se opõe ao conceito de desastre, enquanto evento incontável localizado fora do Ocidente e onde supostamente as populações que aí vivem não possuem as tecnologias e os conhecimentos para prever e geri-lo. O objetivo do artigo é o de investigar criticamente o significado de uma “sociedade melhor”, que sobrevive à catástrofe em termos de raça, civilização e cultura.

Na secção @cetera, que encerra o número, é publicada uma entrevista de Nicola Cosentino ao escritor de ficção italiano Fabio Deotto. A última obra de Deotto, *Un attimo prima* [um momento antes] (2017), explora a vida de um homem comum numa Milão futurística, resultado da revolta iniciada pelo movimento Occupy, usando um *sub-plot* psicanalítico. Na entrevista, Cosentino investiga a relação entre distopia, utopia e cidadania no romance e, de forma mais geral, no pensamento do escritor e como as questões políticas – poder, autoritarismo, conflito, discriminações, consciência social – são hoje traduzidas nas obras de ficção.

Revisão de Patrícia Silva e Ana Sofia Veloso

GAIA GIULIANI

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra
Colégio de S. Jerónimo, Largo D. Dinis, Apartado 3087, 3000-995 Coimbra, Portugal
Contacto: gaiajuliani@ces.uc.pt

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agamben, Giorgio (1995), *Homo sacer. Il potere sovrano e la nuda vita*. Torino: Einaudi.
- Altman, Rick (2000), *Film/Genre*. London: British Film Institute.
- Besarón, Pablo (2009), *La conspiración. Ensayo sobre el complot en la literatura argentina*. Buenos Aires: Simurg.
- Boltanski, Luc (2012), *Enigmes et complots. Une enquête à propos d'enquêtes*. Paris: Gallimard.
- Bould, Mark (2015), "If Colonialism Was the Apocalypse, What Happens Next?", *Los Angeles Review of Books*, 5 de agosto. Consultado a 13.09.2019, em <https://lareviewofbooks.org/article/if-colonialism-was-the-apocalypse-what-comes-next-dilman-dila>.
- Braham, Persephone (2004), *Crimes against the State, Crimes against Persons: Detective Fiction in Cuba and Mexico*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Esposito, Roberto (2004), *Immunitas*. Torino: Einaudi.
- Foucault, Michel (2005), *Nascita della biopolitica*. Milano: Feltrinelli [orig.: 1978-1979].
- Giardinelli, Mempo (1996), *El género negro: ensayo sobre literatura policial*. Córdoba (Argentina): Op Oloop.
- Giuliani, Gaia (2015), "Fears of Disaster and (Post-)Human Raciologies in European Popular Culture (2001-2013)", *Culture Unbound*, Volume 7, Theme 3, 363-385.
- Giuliani, Gaia (2016a), *Zombi, alieni e mutanti. Le paure dall'11 settembre a oggi*. Firenze/Milano: Le Monnier/Mondadori Education.
- Giuliani, Gaia (2016b), "Monstrosity, Abjection and Europe in the War on Terror", *Capitalism Nature Socialism*, 27(4), 96-114.
- Giuliani, Gaia (2017), "Afterword: Life adrift in a postcolonial world", in Andrew Baldwin; Giovanni Bettini (orgs.), *Life Adrift: Climate Change, Migration, Critique*. London: Rowman & Littlefield International, 227-242.
- Giuliani, Gaia (no prelo), *Monsters, Catastrophes and the Anthropocene. A Postcolonial Critique*. London: Routledge.
- Herlinghaus, Hermann (2009), *Violence without Guilt*. New York: Palgrave Macmillan.
- Herlinghaus, Hermann (2013), *Narcoepics. A Global Aesthetic of Sobriety*. New York/London: Bloomsbury.
- Hoagland, Ericka; Reema Sarwal (orgs.) (2011), *Science Fiction, Imperialism and the Third World. Essays on postcolonial Literature and Film*. Jefferson: McFarland.
- Langer, Jessica (2011), *Postcolonialism and Science Fiction*. London: Palgrave MacMillan.

Pearson, Nels; Marc Singer (2009), "Open Cases: Detection, (Post)Modernity, and the State", in Nels Pearson; Marc Singer (orgs.), *Detective Fiction in a Postcolonial and Transnational World*. Farnham: Ashgate, 1-14.

Piglia, Ricardo (2005), "Teoría del complot", *Casa de las Américas*, 245(1), 32-41.

Stoler, Ann Laura (2016), *Duress. Imperial Durabilities in Our Times*. Durham: Duke University Press.